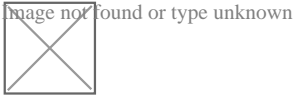
O Centenário da Divino Afflatu e a Reforma do Breviário de São Pio X: Uma Apreciação Pessoal

17/11/2019 ~ Diogo Rafael Moreira

O CENTENÁRIO DA *DIVINO AFFLATU*
E A REFORMA DO BREVIÁRIO DE SÃO PIO X:
UMA APRECIAÇÃO PESSOAL

Pelo Reverendo Padre Anthony Cekada
(Rorate Caeli, 11 de novembro de 2011)

PREFÁCIO DO *RORATE CAELI* *

O Dia de Todos os Santos, o primeiro dia de novembro, marca o primeiro centenário da Constituição Apostólica "Divino Afflatu", assinada pelo Papa São Pio X em 1911. Este documento notável promulgou, entre outras medidas, a ordem do saltério usada na recitação do Ofício Divino no uso tradicional, antigo ou extraordinário do Rito Romano – o *Breviarium Romanum*, de acordo com as rubricas de 1960, que pode ser usado como Ofício normativo por todos os que estão no estado clerical da Igreja Latina (*Summorum Pontificum*, Art. 9, § 3) e, naturalmente, por todos os fiéis leigos que desejam fazê-lo (e são, de fato, incentivados a fazê-lo. – *Sacrosanctum Concilium*, 100).

Pe. Anthony Cekada, independentemente de nossas divergências naturais e fortes com ele em questão de sólida e fundamental relevância, é um dos analistas vivos mais esclarecido sobre os desenvolvimentos litúrgicos da Igreja Latina nos últimos séculos. Sua publicação mais famosa, *Obra de Mãos Humanas: Uma Crítica Teológica da Missa de Paulo VI* (Philothea Press – agora também com um canal relacionado no YouTube), recebeu elogios de diferentes lugares (de Monsenhor A. Wadsworth, Secretário Geral do ICEL, que observou que ele "está cheio de análises interessantes e credíveis … uma contribuição importante… acadêmica… encorajo outras pessoas a lê-las", ao Dr. Alcuin Reid, que, em resenha publicada pelo *The New Liturgical Movement* escreveu que "o grande serviço prestado pelo Padre Cekada é sinalizar para a grande questão que ainda não estamos amplamente preparados para enfrentar…" , isto é, "se o Missal de Paulo VI estiver de fato em substancial descontinuidade com a liturgia e tradição teológica precedente, essa é uma

falha séria que requer correção.”)

Agradecemos profundamente a ele por ter aceitado nosso convite para bem empregar seu vasto conhecimento litúrgico na redação deste depoimento bem completo (e também muito pessoal) sobre o impacto do admirável trabalho realizado por São Pio X, cem anos atrás, nos dias de hoje, sendo parte integrante da vida de todo sacerdote tradicional, todos os dias, de Matinas a Completas.

* – Rorate Caeli é uma espécie de Fratres in Unum do mundo anglo-saxão, isto é, um blog que fala principalmente sobre abusos litúrgicos da Missa Nova e promove as missas tridentinas de *Motu Proprio*, ou seja, ditas em comunhão com os modernistas. Gostam da liturgia tradicional, mas por terem assumido certos compromissos com os revolucionários da Nova Ordem da Missa (*Novus Ordo Missae*), evitam falar sobre os verdadeiros responsáveis pelas inovações doutrinais, litúrgicas e disciplinares que tanto lamentam. O Controvérsia Católica entende que os assuntos levantados por esses blogs muitas vezes servem de ponte para as pessoas compreenderem melhor a situação em que nos encontramos atualmente, nisso louvamos tais iniciativas, porque indiretamente hão de livrar muitas almas da peste do modernismo; por outro lado, o Controvérsia Católica reprova com veemência os compromissos assumidos por eles com o inimigo, entendendo-os como laços que o demônio usa para prender na heresia modernista aqueles que não estão dispostos a sacrificar-se por amor a verdade.

O centenário de Divino Afflatu
e a Reforma do Breviário de São Pio X:
Uma apreciação pessoal
pelo
Rev. Pe. Anthony Cekada

1º DE NOVEMBRO de 2011 marca o centenário da Constituição Apostólica do Papa São Pio X, *Divino Afflatu*, um dos três documentos papais promulgados durante os anos de 1911 a 1913, que introduziram uma dramática reforma no Breviário Romano. O documento é um marco na história litúrgica que se enquadra nas reformas pós-tridentinas, e seu aniversário não deve passar despercebido por todos aqueles que apreciam a Sagrada Liturgia.

Escrever sobre esse tópico, no entanto, parece um pouco como entrar em um campo minado. A história do Ofício Divino é terrivelmente complexa, e os erros podem facilmente cair nas garras das narrativas populares escritas para consumo geral.

Hoje em dia também existe o fator controvérsia. Aqueles que criticam ou rejeitam as reformas litúrgicas oficiais pós-Vaticanas II estão divididos sobre qual norma litúrgica deve ser seguida: São Pio X, Pio XII, João XXIII, “reforma da reforma” ou alguma combinação de tudo o que precede – eu tenho entrado nessa batalha com espada em punho mais de uma vez. Parece que quase tudo o que se diz sobre quase *qualquer* questão litúrgica nos dias de hoje está destinado a ofender pelo menos a *alguém*.

Além disso, a defesa do uso do Breviário de São Pio X é vista em alguns setores como uma bandeira vermelha para o sedevacantismo. Mas essa percepção é completamente incorreta, porque existem muitos padres sedevacantistas nos Estados Unidos e na Europa que não usam o Breviário de São Pio X e muitos *não* sedevacantistas que o fazem.

Mas nesta ocasião, eu gostaria de deixar de lado a controvérsia, tanto quanto possível. Então, depois de uma breve discussão sobre o breviário antes e depois de *Divino Afflatu*, vou oferecer o que chamo de "apreciação pessoal" das reformas de São Pio X.

I. OS PROBLEMAS COM O BREVIÁRIO PRÉ-1911

Mesmo para alguém fissurado por liturgia ao longo da vida como eu, era difícil ter uma noção de como era usar o Breviário Romano antes da *Divino Afflatu*.

Quando eu era seminarista no Ecône, o seminário inicial da FSPX na Suíça, deparei-me com um conjunto de breviários muito bem preservados impressos em Turim em 1865. A tentativa de decifrar as rubricas – a fim de relacionar o material do livro com o que eu já sabia sobre o breviário e para conceber como alguém deveria recitar o breviário pré-1911 -, parecia ser uma tarefa absurdamente intimidadora.

Alguns comentários sobre o breviário forneceram alguns vislumbres de como era isso. A partir deles, pelo menos uma coisa ficou clara: demorava muito mais tempo para recitar o Ofício Divino antes de Pio X do que depois dele.

Felizmente, podemos agora recorrer a um artigo recente que nos fornece uma descrição clara e completa do Ofício na época da reforma: "Uma Introdução à Reforma do Breviário Romano de 1911 a 1913, de Paul Cavendish", *Usus Antiquior*, vol. 2 Nos. 1 (janeiro de 2011), 32–60. A atenção do Sr. Cavendish aos detalhes é exaustiva, e ele oferece aos leitores treze tabelas e um resumo para lhes dar uma visão geral do estado do Ofício Divino imediatamente antes da *Divino Afflatu*. Ele até fornece uma amostra completa de um Ofício Dominical, de acordo com as antigas rubricas.

O artigo do Sr. Cavendish está disponível em: http://www.maney.co.uk/index.php/journals/usu

Eis algumas características do Breviário pré-Reforma de 1911: continha três tipos de Ofício: domingo, festivo e ferial. No domingo e nos ofícios feriais, dois terços dos salmos (cerca de 95) eram recitados sequencialmente em duas séries, uma em Matinas e a outra em Vésperas, no decorrer dos dias da semana. As outras Horas ou fixavam a salmodia invariável (nas Horas Menores, por exemplo, as mesmas seções do Salmo 118 eram recitadas todos os dias, e os salmos de Completas eram os mesmos todos os dias) ou salmos semi-variáveis ??que estavam "ligados" a um conjunto de salmos invariáveis ??todos os dias (em Prime e Lauds, por exemplo). Com exceção do Salmo 118, os salmos eram usados ??em sua totalidade e não divididos para os ofícios dominicais e feriais. O ofício festivo tinha sua salmodia própria (apenas nove salmos em Matinas), que não fazia parte do curso semanal de salmos.

Se você usar o breviário de São Pio X ou João XXIII, poderá ver rapidamente como a recitação dessa forma do Ofício Divino demorava muito tempo, especialmente aos domingos e dias feriais. Por esse motivo, muitas festas de classe dupla foram adicionadas ao calendário ao longo dos anos, porque os ofícios festivos eram comparativamente mais curtos.

Mas, embora a adição de festas encurtasse o Ofício, isso levava a outro problema. Os ofícios festivos eram retirados dos Comuns e, portanto, empregavam apenas um número limitado de salmos. Se esses ofícios festivos fossem recitados na maioria dos dias, portanto, a grande maioria dos salmos (que no antigo breviário aparecia apenas nos ofícios dominicais e feriais) nunca seria usada durante o curso de uma semana. Consequentemente, a recitação de todo o Livro dos Salmos ao longo de uma semana, uma tradição antiga na Igreja, havia desaparecido até a época da *Divino Afflatu*

Além disso, em 1911, mesmo o Ofício Dominical, à parte dos domingos maiores como de Advento e Quaresma, raramente era celebrado, porque geralmente era substituído por uma festa de dupla classe.

II. AS REFORMAS DA *DIVINO AFFLATU*

Várias propostas para resolver essas dificuldades foram discutidas sob Bento XIV, Pio IX e Leão XIII. Pio X finalmente nomeou uma comissão especial e lhe foi dado o encargo de reformar o calendário litúrgico, estabelecendo critérios para a admissão de novas festas, revisar algumas das leituras históricas e patrísticas (a última significa aquelas retiradas dos escritos dos Padres da Igreja), e reformular as Rubricas Gerais.

A *Divino Afflatu* em si era um documento relativamente breve. Seus principais pontos foram os seguintes:

- Desde o início da Igreja, os Salmos nutriram a piedade dos fiéis, ensinaram os homens a rezar, estimularam a virtude e consolaram os que sofrem.
- Por esse motivo, a recitação semanal do Saltério era a antiga lei da Igreja para seu clero, e foi mantida ao longo de sucessivas revisões do Breviário.
- Visto que a lei se tornou praticamente impossível por causa do aumento das festas dos santos.
- Estas têm enchido os ofícios dominicais e feriais, de modo que alguns salmos nunca são recitados e outros são repetidos com exaustiva repetição.
- Recebemos petições de bispos, especialmente no Concílio do Vaticano, para que essa recitação semanal do Saltério fosse restaurada sem aumentar o ônus ao limitado número de clérigos.
- Nomeamos uma comissão para atender a essa demanda, diminuindo a carga imposta aos clérigos, sem diminuir a veneração dada aos santos.
- Este é o primeiro passo de uma reforma litúrgica do Breviário e Missal.
- Enquanto isso, fizemos algumas mudanças nas rubricas para garantir a leitura regular das lições das Escrituras e para restaurar ao seu local de honra as antigas missas dominicais, especialmente os dias feriais da quaresma.

Para um exame detalhado de todas as reformas implementadas pela *Divino Afflatu*, bem como para uma comparação entre o breviário pré-1911 e a edição de 1914, temos que recomendar novamente o Sr. Cavendish e a segunda parte de seu artigo (*Usus Antiquior* Vol. 2 No. 2 [julho de 2011] 129-152). Suas tabelas de comparação são particularmente úteis para fornecer uma visão geral concisa das diferenças.

Ali também, Cavendish fornece uma amostra do ofício dominical, desta vez de acordo com as rubricas da *Divino Afflatu*. Isso será de grande ajuda para aqueles que nunca usaram o Breviário Pio X ou que nunca assumiram a tarefa (aparentemente) intimidadora de descobrir como recitar Matinas.

Neste artigo, no entanto, nos contentaremos em mencionar apenas três das reformas mais importantes que Pius X introduziu.

A. Recitando todos os 150 salmos. A fim de restaurar o ideal antigo de recitar todos os salmos toda semana, a *Divino Afflatu* mudou as rubricas para as festas de santos de classe inferior.

A partir de agora, com poucas exceções, apenas festas de classe alta (duplas ou duplas de segunda classe) usariam os salmos especiais dos Próprios ou dos Comuns. Festas abaixo dessa classificação usariam os salmos feriais – ou seja, aqueles que o breviário designava para cada dia da semana comum de domingo a sábado.

Para acomodar ainda mais o ideal de recitar todos os salmos durante a semana, as novas rubricas também decretavam que nos dias penitenciais em que o Salmo 50 substituía o primeiro salmo de Lauds, o o salmo tirado de Laudes "migraria" para o Ofício de Prime.

As novas rubricas, porém, não estabeleceram o ideal antigo como uma regra inflexível, pois as festas de alta classe ainda tinham salmos especiais atribuídos a elas. Embora isso possa impedir a recitação litúrgica de todo o saltério durante uma semana em particular, o próprio objetivo de um dia de *festa* é interromper o que é uma prática normal (neste caso, usar salmos e antífonas feriais) para enfatizar algum mistério em particular.

B. Reorganização dos Salmos. Se São Pio X tivesse implementado apenas a regra anterior – os salmos feriais são usados ??em todas as festas, exceto nas de mais alta classe – ele teria realmente restaurado o ideal de recitar todos os salmos toda semana. Mas infelizmente ele teria criado outro problema: o Ofício Divino levaria muito mais tempo para o sacerdote recitar.

A razão é a seguinte: o arranjo dos salmos no breviário pré-1911 exigia que se recitassem praticamente os mesmos salmos todos os dias em Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa e Completas. Os dois terços que restaram tinham que ser recitados em Matinas e Vésperas.

Assim, o padre recitava dezoito salmos em Matinas de um domingo comum ("verde") e doze salmos em Matinas de outros dias da semana. E alguns desses salmos são realmente muito compridos. O salmo 77, prescrito para as Matinas de quinta-feira, por exemplo, tem 72 versículos – vai ter que deixar o almoço pronto para a viagem.

Portanto, a *Divino Afflatu* instituiu um arranjo completamente novo (*cursus*) para os salmos. Os salmos mais longos foram divididos em seções de duração mais ou menos igual e divididos em todas as horas do Ofício ao longo da semana.

Alguns acharam que abandonar o *cursus* pré-1911 do domingo e dos salmos feriais seria romper com uma antiga tradição litúrgica romana. Mas devido à multiplicação de festas que excluíam seu uso, essa tradição havia sido abandonada na prática de qualquer maneira.

E, além disso, a disposição dos salmos antes de 1911 também se afastou das práticas litúrgicas romanas mais antigas.

Na Roma do século V-VI, por exemplo, as Matinas dominicais tinham vinte e quatro salmos, e o salmo 50 era usado apenas nas Laudes de domingo em épocas penitenciais.

Por volta do ano 600, São Gregório Magno mudou esse arranjo. Ele reduziu as Matinas de domingo para dezoito salmos, mudou cinco deles (21-25) para a Prima de domingo, mudou um deles (26) para as Matinas de segunda-feira, mudou o último salmo da Matinas de segunda (38) para as Matinas de terça e tirou o Salmo 50 das Matinas de terça e mudou o salmo para o início das Laudes nos dias da semana, onde substituiu o Salmo 92 (vide as tabelas em Carlo Braga, ed., *La Riforma Litúrgica di Pio XII: Documenti: I. La Memoria sulla Riforma Liturgica, 1948* [Roma: Edizioni Liturgiche 2003, pp. 180-2).

Em 1568, São Pio V alterou ainda mais o *cursus* de São Gregório, removendo os Salmos 21-25 da Prima de Domingo e designando um para a Prima de segunda a sexta-feira.

Portanto, havia de fato um bom precedente para os papas modificarem a disposição dos salmos no Ofício Divino. Dois papas santos já o haviam feito antes de São Pio X.

Como os salmos foram distribuídos no novo *cursus* estabelecido pela *Divino Afflatu*?

Primeiro, dos 150 salmos, aqueles que se refletiam a certos temas foram selecionados para duas horas canônicas:

- Salmos que falavam de luz, manhã ou louvor eram remetidos a Laudes, que passaria a ter quatro salmos variáveis ??por dia, em vez de apenas um salmo variável e sete salmos invariáveis.
- Salmos que aludiam a sono, trevas ou confiança em Deus eram remetidos para Completas, que teria três salmos variáveis por dia em vez de quatro salmos invariáveis ??(contando a seção do Salmo 30)

Segundo, os salmos que restaram foram divididos em dois grupos:

- Os Salmos 1-108 foram divididos em ordem numérica para Matinas, Prima, Terça, Sexta e Noa ao longo dos dias da semana. Os Salmos 21-25, porém, que São Pio V havia mudado para a Prima de segunda-feira a sábado, mantiveram as posições que ele lhes havia designado.
- Os Salmos 109–144 foram distribuídos em ordem numérica para as Vésperas ao longo dos dias da semana. As Matinas daí em diante teriam apenas nove salmos ou seções de salmos, e as Vésperas teriam cinco, como antes.

Assim, a *Divino Afflatu* restaurou o ideal antigo sem criar um fardo adicional para o clero e, ao mesmo tempo, introduziu variedade nos salmos para Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa e Completas.

C. Equilíbrio entre festa e estação. Isso fica mais notável nas mudanças que a *Divino Afflatu* introduziu nas rubricas para Matinas.

No breviário pré-1911, as leituras das Escrituras para o Primeiro Noturno (seção) de Matinas, para muitos ofícios festivos, eram tiradas do Comum dos Santos. Nesses dias, as magníficas leituras e responsórios das Escrituras prescritos para aquele dia de acordo com a época litúrgica (Advento, Quaresma, Tempo Depois de Pentecostes) desapareceriam.

A *Divino Afflatu* resolveu o problema, decretando que, em festas de classe inferior, as leituras das Escrituras e responsórios correspondentes às épocas litúrgicas tinham de ser usadas ??como leituras do Primeiro Noturno. As leituras do dia da festa (a vida de um santo, por exemplo) continuariam sendo lidas no Segundo Noturno, e também o comentário patrístico prescrito sobre o Evangelho no Terceiro Noturno.

Da mesma forma, nas festas de classe inferior, os salmos feriais, juntamente com as antífonas e versículos do tempo, deveriam ser usados.

Assim, dois fins foram atingidos e um equilíbrio alcançado entre o espírito da época litúrgica e a veneração devida aos santos.

III. UMA APRECIAÇÃO PESSOAL

No curso da minha vida, usei várias formas do Ofício Divino. Naturalmente, isso me levou a comparar as características dos diferentes sistemas, um processo que afetaria muito a maneira como cheguei a considerar o Breviário de São Pio X.

Como aluno de uma escola católica pré-Vaticano II e, em seguida, como coroinha, você se familiariza com a noção do Padre rezando seu "breviário", uma tarefa que o padre realizava caminhando ao ar livre quando fazia bom tempo ou a uma em ajoelhado em um genuflexório na sacristia antes ou depois da Missa. No que consistia nessa forma de oração era bastante misterioso, mas na oitava série me deparei com versões simplificadas de Prima e Completas em um novo Missal que recebi de presente quando anunciei que queria ir ao Seminário Menor. Estes eu usei como oração da manhã e da noite por vários anos.

As mudanças do Vaticano II chegaram com força total quando eu estava no Seminário Menor (1965-1969). No final desse período, raramente se via um breviário, e somente nas mãos de um padre muito velho. Era a nova primavera e, para comemorar, todos os livros antigos estavam sendo jogados no lixo.

A. Oração dos Cristãos. Enquanto eu estava no colégio do seminário (1969–1973), o breviário reformado pós-Vaticano II apareceu em latim como *Liturgia Horarum* (Liturgia das Horas). Naquele momento, ninguém mais rezava em latim; portanto, enquanto o novo breviário estava sendo traduzido, os bispos dos EUA autorizaram o uso da Oração dos Cristãos, uma forma abreviada da *Liturgia Horarum* compactada em um volume.

Isso eu usei durante meus anos de faculdade no seminário. Sem saber mais nada, apreciei a variedade das orações que se seguiram pelo ano litúrgico, mas achei algumas características irritantes. Em vez de traduzir os hinos latinos, por exemplo, os editores os substituíram por hinos de assembleia usados ??na liturgia recentemente reformada, de modo que nas Vésperas se encontraria os equivalentes dos anos 1970 de "*On Eagle's Wings*". E por que chamar um breviário de Oração dos Cristãos? Os bispos dos EUA esperavam atrair clientes da Convenção Batista do Sul?

Embora a Oração dos Cristãos fosse o breviário "renovado", ainda não se podia vê-lo sendo portado no seminário. Demasiado "igreja antiga". Os candidatos ideais para o sacerdócio naqueles dias se envolviam em oração espontânea de grupo, ou melhor ainda, oravam em línguas (outras que o latim, é claro).

B. O Breviário Monástico. Durante os mesmos anos, eu e vários outros seminaristas mais conservadores começamos a passar um tempo em um mosteiro cisterciense em nossa diocese. Embora os monges usassem o

Novus Ordo, todas as suas cerimônias litúrgicas ainda eram em latim e acompanhadas de canto gregoriano.

Após a faculdade, entrei nos cistercienses, e foi aqui que me familiarizei com o ofício monástico (os cistercienses seguiam a regra de São Bento). Embora o calendário litúrgico tenha sido um pouco reduzido após o Vaticano II, o nosso ofício monástico ainda mantinha sua forma tradicional. Seguindo o preceito estabelecido por São Bento, todo o saltério era cantado a cada semana. Domingos e festas importantes tinham leituras bíblicas e patrísticas.

A experiência de cantar todas as horas canônicas todos os dias durante dois anos me deu uma noção do que deveria ser o ideal para o Ofício Divino. Em comparação, a Oração dos Cristãos que eu estava usando até então parecia de fato muito pequena.

C. A Liturgia das Horas. Na biblioteca monástica, deparei-me com o conjunto latino de quatro volumes de A Liturgia das Horas. Embora o ofício fosse muito mais curto do que o que eu havia me acostumado como cisterciense, pelo menos tinha uma boa dose de leituras patrísticas (de fato, muitas apropriadas para as festas dos santos) e restaurou os mais antigos textos dos hinos latinos que nós, os cistercienses, usávamos. (Os textos mais tardios do Breviário Romano foram vítimas de alguns editores jesuítas de pouco ouvido durante o século XVIII)

No lado negativo, A Liturgia das Horas prescrevia apenas cinco horas canônicas por dia (em vez das oito tradicionais). Os salmos eram cortados em pedacinhos e recitados por quatro semanas, em vez da tradicional uma semana.

E no melhor estilo pós-Vaticano II de uma liturgia desregulada que destrói qualquer senso de oração universal, a Liturgia das Horas oferece opções, opções e mais opções. Por que, por exemplo, oferecer alternativas ao tradicional Salmo 94 como o invitatório? Por que tornar preces opcionais em alguns dias? Por que permitir que a pessoa que lidera o ofício elabore sua própria “breve admonição” antes do Pai-Nosso? Exemplos podem ser multiplicados. Por que simplesmente não renomear o livro como *Liturgia das Opções*?

E. O Breviário de João XXIII. Em 1975, deixei os cistercienses pelo Seminário do Arcebispo Lefebvre em Ecône, Suíça. Aqui encontrei o breviário de João XXIII, que usamos na recitação comum de Prima, Sexta, Completas e nos domingos e dias de festa, Vésperas.

Naturalmente, eu o comparei com o que eu sabia antes. Embora no breviário de João XXIII todos os salmos fossem recitados no decorrer de uma semana comum, nos dias penitenciais em que Laudes II era usada (Advento, Septuagésima, Quaresma e Vigílias), o primeiro salmo (que o Salmo 50 substituiu) era simplesmente omitido, em vez de ser realocado para Prima. As leituras em Matinas foram drasticamente reduzidas. Apenas uma breve leitura patrística permanecia aos domingos, onde antigamente havia seis. Para as festas dos santos, as leituras biográficas foram cortadas em dois terços, o ofício ferial superou as festas dos santos durante a Quaresma, e os comentários patrísticos dos Evangelhos para a festa dos santos foram simplesmente omitidos.

Assim, enquanto o breviário de João XXIII fosse melhor que A Liturgia das Horas quando se tratava de recitar todo o saltério em uma semana, ele praticamente abolia as leituras patrísticas e diminuía substancialmente o culto litúrgico aos santos.

F. O Breviário de São Pio X. Foi também em Ecône que encontrei pela primeira vez a forma do Ofício Divino que São Pio X prescreveu na *Divino Afflatu*. Ele era zelosamente promovido pelos falantes de inglês na Fraternidade (notadamente pelo Padre Peter Morgan, o primeiro sacerdote que o Arcebispo Lefebvre ordenou para FSSPX e o seminarista Daniel Dolan) e usado por alguns alemães também (incluindo o seminarista Franz Schmidberger).

O Breviário de Pio X (como o chamávamos) parecia atingir o equilíbrio litúrgico correto em termos do que eu havia aprendido sobre o Ofício Divino durante minha vida no seminário até então: o antigo ideal de recitar todo o saltério durante o curso de uma semana é geralmente mantido; leituras patrísticas aparecem

regularmente em Matins; o culto dos santos é uma característica proeminente do ofício; e a forma geral do ofício alcança um bom equilíbrio entre as estações litúrgicas e as festas dos santos. Havia outras características admiráveis, também, muitas, infelizmente, para explorar em um pequeno artigo como este.

Portanto, como esperava dedicar meu apostolado sacerdotal à promoção da integridade da doutrina e do culto católico tradicional, foi este breviário que decidi usar como sacerdote.

O uso do breviário de São Pio X apresentava inicialmente alguns problemas práticos reais. Primeiro, onde você consegue um? Nos Estados Unidos, sempre foi difícil obter edições com o saltério da Vulgata (a versão dos salmos encontrados nos livros de canto litúrgico), outro que não fosse o mais recente saltério latino de Pio XII.

(Na última década, houve um interesse crescente nos ritos litúrgicos anteriores a 1955. Espero que isso leve alguém a assumir o projeto de reimprimir o breviário de Pio X, idealmente, a excelente edição Benziger.)

A *Divino Afflatu* não obrigou a Congregação dos Ritos a emitir um novo conjunto de rubricas que consolidasse as mudanças em um único documento. Portanto, na frente do breviário, você se depara com dois grupos de rubricas, o segundo dos quais diz essencialmente “Faça tudo o que o primeiro diz, exceto isso”. Este problema pode ser resolvido consultando o Aprendendo o Ofício Divino de Hausman ou O Método Prático de Leitura do Breviário de Murphy que, segundo me foi dito, está disponível online.

Outra dificuldade foi encontrar uma versão em inglês do Breviário de São Pio X para recomendar aos leigos que estavam interessados ??em rezar o Ofício Divino. Havia duas edições, 1936 e 1956 (a última com os salmos de Pio XII), ambas quase impossíveis de obter.

Entretanto, nunca houve dificuldade em encontrar um Ordo (calendário litúrgico com orientações sobre as rubricas) a ser usado a cada ano. Isso foi publicado na Inglaterra, primeiro por John Tyson, e agora pela St. Lawrence Press, sob a supervisão de Paul Cavendish, que ao longo dos anos acrescentou mais e mais melhorias muito úteis. Veja: http://www.ordorecitandi.org.uk/ e http://ordorecitandi.blogspot.com/

Naturalmente, recomendo o uso do breviário de São Pio X a todos os leitores. Mesmo que você ache que não poderá usá-lo permanentemente, sugiro que tente pelo menos por um tempo em novembro, como forma de comemorar a *Divino Afflatu* de São Pio X.

Graças às maravilhas da tecnologia, fazer isso agora é surpreendentemente simples. Tudo o que você precisa é acessar http://www.divinumofficium.com/, selecionar ou a opção PC ou celular, selecione “*Divino Afflatu*” e escolha a hora do Ofício que deseja rezar.

O site, que foi obra do notável Lazlo Kiss, fornecerá todo o Ofício Divino, com cada parte em ordem sequencial, com o latim de um lado e o inglês (ou húngaro!) do outro. Uma versão francesa está em construção.

Eu recomendo que você “experimente” Matinas para os dias litúrgicos de novembro, que refletem algumas das características mais distintivas do breviário de São Pio X em comparação com, digamos, o breviário de João XXIII. As Matinas dos dias durante a Oitava de Todos os Santos, por exemplo, ilustrarão o equilíbrio que São Pio X alcançou entre a estação, os salmos fúnebres, os santos cujas festas acontecem dentro da Oitava e a própria Festa de Todos os Santos.

Um abençoado centenário da *Divino Afflatu* para todos!

Artigo Original